



P E N G U I N



C L Á S S I C O S

**JOSÉ RIZAL**

---

NOLI ME TANGERE

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO	
José Rizal, um homem na História	vii
<i>Noli me tangere</i> ou o poder de um romance	xxii
NOTAS A ESTA EDIÇÃO	xxxvii
Noli me Tangere	1
NOTAS	447

## INTRODUÇÃO

### José Rizal, um homem na História

A 30 de dezembro de 1896, vários jornais de Lisboa, como o *Diário de Notícias*, o *Diario Illustrado* ou *O Paiz*, publicavam a seguinte notícia, a partir de um telegrama emitido em Manila no dia anterior: «O tribunal supremo militar de Manila condenou à morte o preso Rizal, por instigador de rebelião, acreditando-se que será hoje fuzilado.» No dia seguinte, o *Diário de Notícias* confirmava, no mesmo tom lacónico, a notícia da véspera: «Madrid, 30 — O Dr. Rizal, chefe dos separatistas das Filipinas, foi fuzilado hoje, às 7 horas da manhã.»

O «preso Rizal» a que se refere a notícia era José Rizal (de nome completo José Protasio Rizal-Mercado y Alonso-Rea-londa), o médico e intelectual filipino que fora preso em Barcelona em outubro desse ano, quando viajava a caminho de Cuba. Foi enviado de regresso a Manila e julgado em tribunal militar, acusado de rebelião, sedição e conspiração. Considerado culpado de todas as acusações, foi condenado à morte por fuzilamento, que teve lugar na manhã desse dia 30 de dezembro. Tinha 35 anos e era um dos mais notáveis intelectuais filipinos da sua geração. Poucos em Portugal conhecerão a sua biografia e obra, ou mesmo o seu nome; nas Filipinas, porém, é uma das figuras mais importantes da sua História, um mártir da luta pela independência do país e o herói nacional por excelência.

## Formação, juventude e périplo

José Rizal nasceu em Calamba, um pouco a sul de Manila, a 19 de junho de 1861. Provinha de uma família de agricultores, rendeiros de uma fazenda da Ordem de S. Domingos, com ascendência chinesa, tagala e espanhola. Revelou, desde muito jovem, brilhantes capacidades intelectuais, tanto nas artes como nas letras, tendo-se destacado como aluno excecional em diversas ocasiões. Formou-se em Artes pela Ateneo de Manila University (que então se chamava Ateneo Municipal de Manila), tendo estudado igualmente Filosofia na Universidad de Santo Tomás. O seu percurso académico deveria incidir sobre estudos agrícolas, mas Rizal preferiu estudar Medicina.

Em maio de 1882, o jovem Rizal tomou a decisão que viria a mudar radicalmente a sua perceção do mundo e do seu país. Aconselhado por várias pessoas e consciente das limitações e constrangimentos existentes nas universidades filipinas, partiu para Espanha, onde aprofundou os seus estudos médicos e obteve nova graduação. Foi também aqui que aderiu à Maçonaria. Seguiu depois para Paris e viveu durante algum tempo na Alemanha, nomeadamente em Heidelberg, onde completou a sua especialização em Oftalmologia. Foi em Berlim que publicou *Noli me tangere*, o seu primeiro e mais célebre romance. Em agosto de 1887, regressou, por um curto espaço de tempo, às Filipinas. Depois seguiu para Hong Kong, Macau, Japão e Estados Unidos da América e voltou à Europa, passando por Londres, Paris, Bruxelas, Madrid e Gante, na Bélgica, onde residiu durante algum tempo. Em 1891 mudou-se novamente, desta vez para Hong Kong, até ao regresso definitivo à sua terra natal, em 1892.

O seu périplo pela Europa e pelo mundo durou, portanto, sensivelmente uma década. Ao longo deste tempo, Rizal esteve em contacto próximo com os meios intelectuais da Europa, integrou academias e grupos de reflexão e escreveu em jornais e revistas. Trocou igualmente correspondência com cientistas

e académicos e proferiu palestras em diversas universidades europeias. Rizal dominava várias línguas e o seu interesse abrangia diversas áreas científicas. Era um escritor prolífico, tendo deixado uma extensa produção literária e artística, entre romances, poemas, cartas, manifestos, notas de viagem, diários, ensaios e peças de teatro. Dedicou-se igualmente à pintura e à escultura. Contudo, mais do que a curiosidade científica e a sua inclinação para as artes e as letras, era o estado do seu país e a necessidade de reformar o sistema social e político vigente que o preocupava e motivava.

Esta preocupação ficou bem expressa no seu primeiro ensaio, que escreveu imediatamente após a chegada a Barcelona, em 1882. Chamava-se «O amor pátrio» e foi dedicado às Filipinas, que Rizal assumia como a sua pátria e sobre a qual discorreu; Espanha não era mais do que uma «terra estrangeira» onde então se encontrava. Este ensaio, como outros posteriores, foi enviado para Manila e publicado sob o pseudónimo Laon Laang. Foi o primeiro passo no seu percurso como intelectual nacionalista. Em Espanha, Rizal rapidamente aderiu aos movimentos liberais e reformistas filipinos que emergiam nos meios académicos e de que veio a ser um dos principais líderes e protagonistas. Quais as causas do surgimento do movimento nacionalista filipino?

### **As Filipinas, colónia distante de um império arcaico**

A ligação do arquipélago a Espanha (mais exactamente Castela, até ao século XVIII) remonta a 1521, quando lá chegou a célebre expedição comandada por Fernão de Magalhães. O nome Filipinas foi atribuído em 1543 pelo capitão Ruy López de Villalobos aquando da sua expedição às ilhas, em homenagem ao então príncipe Filipe, futuro Filipe II (I de Portugal). A fixação espanhola teve início apenas em 1565, com a expedição de Miguel de Legazpi, tornando-se definitiva após a tomada do sultanato

de Manila em 1571. Ao mesmo tempo que Manila se transformava num florescente entreposto de comércio com a China e os espanhóis ensaiavam tentativas de expansão para outras paragens sueste-asiáticas (como Brunei ou Camboja), progredia a *conquista* de Luzón e de outras ilhas, nomeadamente Cebu.

No essencial, os espanhóis transpuseram para as Filipinas, com adaptações locais, o modelo da *conquista* utilizado na América Central e do Sul, assente em dois pilares: a submissão à autoridade do rei de Espanha e a aceitação da religião católica. As populações das várias parcelas e ilhas estavam sujeitas ao pagamento de tributo e a trabalho compulsivo, tanto para os grandes senhores (vulgarmente designados por *encomenderos*) como, e principalmente, para as ordens religiosas, sobretudo agostinianos, dominicanos e jesuítas. Foram estas últimas os principais agentes da colonização espanhola, administrando extensas propriedades fundiárias e a quem foram entregues o ensino e a conversão das populações ao catolicismo.

As Filipinas foram a única possessão espanhola na Ásia. Era, portanto, uma parcela distante do império, dependente do vice-reinado da *Nueva España* (México) e destituída de governo autónomo próprio. O elo de ligação com a metrópole era o chamado «Galeão de Manila» (ou de Acapulco), a armada que anualmente atravessava o Pacífico entre o arquipélago e o México. Foi, durante muito tempo, considerada um apêndice distante e deficitário, um fardo para o império espanhol, tanto mais que estava exposto à pressão de potências europeias rivais, nomeadamente os neerlandeses, no século XVIII, e os britânicos, no seguinte. Manila chegou a ser ocupada por tropas britânicas, entre 1762 e 1764, no contexto da Guerra dos Sete Anos.

O isolamento em relação ao restante império favoreceu a cristalização da sociedade colonial filipina e a perpetuação de características arcaicas: preeminência das ordens religiosas, protecionismo económico, conservadorismo das instituições políticas e administrativas e, sobretudo, uma rígida discriminação

social e racial. O topo da pirâmide social era ocupado pelos naturais de Espanha (os *peninsulares*), que formavam a elite política e econômica; seguiam-se diversos escalões formados pelos *criollos* e *mestizos* e, por fim, os *indios*, isto é, as pessoas com ascendência 100% filipina. As independências das colônias espanholas na América e a progressão dos liberalismos, na primeira metade do século XIX, aumentaram a pressão para a necessidade de reformas, sem grandes resultados. O desfasamento entre as novas realidades emergentes e o imobilismo das estruturas sociopolíticas acentuou-se quando os portos das Filipinas se abriram gradualmente ao comércio internacional, permitindo um aumento das exportações e a circulação de produtos, pessoas e ideias. Este novo ambiente favoreceu a progressão de um movimento nacionalista filipino, sobretudo entre as elites mestiças, mais atentas à discriminação e às desigualdades que moldavam o sistema em vigor.

As reformas políticas e sociais avançavam a um ritmo demasiado lento e dependiam, em larga medida, da evolução política em Espanha, onde estava igualmente em curso a luta entre o liberalismo e os setores mais conservadores. A existência de governos liberais em Madrid (como ocorreu entre 1868 e 1871) permitia uma aceleração das reformas nas Filipinas, ocorrendo a sua revogação ou retrocesso em épocas de governos conservadores, como se verificou após a restauração da dinastia Bourbon, em 1874.

Em 1872, cerca de duas centenas de soldados dos arsenais de Cavite, junto a Manila, amotinaram-se. Se se tratou ou não de uma revolta nacionalista e antiespanhola é ainda motivo de controvérsia. Seja como for, a repressão foi severa e as autoridades apressaram-se a envolver na revolta quem estava conotado com setores reformistas e liberais. Os implicados foram condenados à morte, nomeadamente três padres nativos, que foram garroteados. Houve prisões e desteros para os suspeitos de qualquer envolvimento ou apoio à revolta. Este episódio causou grande

apreensão na sociedade filipina e contribuiu decisivamente para a consolidação de movimentos reformistas, tanto nas Filipinas como nos expatriados noutros países, nomeadamente em Espanha. Um deles chamava-se *La Solidaridad* e editava um jornal com o mesmo nome, onde Rizal publicou regularmente os seus textos.

Um dos movimentos mais importantes que se desenvolveram no rescaldo de 1872 ficou conhecido como o Movimento Propaganda, do qual José Rizal foi uma das figuras preeminentes. Não defendia a independência das Filipinas, tão-somente um conjunto de reformas políticas e sociais, nomeadamente a concessão, aos filipinos, dos mesmos direitos de cidadania usufruídos pelos espanhóis, a abolição de um conjunto de prerrogativas coloniais arcaicas (como o trabalho forçado), a representação das Filipinas nas Cortes do reino, enquanto província e não como colónia e, internamente, a paridade de direitos e de acesso à administração, governo e carreira eclesiástica entre *peninsulares* e filipinos. A secularização do clero, isto é, a primazia do clero secular (das dioceses e paróquias), essencialmente filipino, sobre o das ordens religiosas (formado essencialmente por *peninsulares*), era uma velha reivindicação reformista que o movimento retomou. A salvaguarda da liberdade de expressão e de outros direitos cívicos era, naturalmente, uma condição essencial do seu programa.

### O regresso às Filipinas, exílio e execução

Em 1892, José Rizal regressou definitivamente às Filipinas. Havia estado durante algum tempo em Manila cinco anos antes, em 1887, numa curta estada na qual tomou conhecimento da reacção hostil ao seu *Noli me tangere* por parte das autoridades e, sobretudo, das ordens religiosas, que proibiram a circulação da obra. O Rizal que agora retornava à sua terra natal era um homem diferente do jovem que partira para estudar em Espanha havia



uma década. Estava agora amadurecido e determinado a contribuir para o movimento reformista filipino, que acompanhara e liderara além-fronteiras, tendo chegado o momento de conduzir *in loco*. Não era um desconhecido nas Filipinas, apesar da sua ausência prolongada. Os seus escritos conheceram uma ampla circulação e inspiravam — sobretudo o *Noli me tangere* — o crescente movimento independentista filipino. A sua chegada a Manila, a 26 de junho de 1892, causou sensação na cidade, com tanto de alegria por parte dos reformistas e revolucionários filipinos como de escândalo das autoridades espanholas.

Rizal nunca se considerou um revolucionário; o seu projeto era essencialmente intelectual e, a partir de uma reflexão profunda sobre a identidade do povo filipino, a sua história e cultura e, sobretudo, a opressão a que estava sujeito havia séculos, propunha reformas profundas de cariz político, social e cultural. É, contudo, inegável que o seu envolvimento político se tornou cada vez mais ativo. Poucos dias depois de desembarcar em Manila, reuniu um notável grupo de liberais e nacionalistas filipinos e fundou *La Liga Filipina*. Tratava-se de uma organização que pretendia preparar, conduzir e apoiar o movimento nacionalista, alargar o seu espaço de intervenção a todo o arquipélago, promover a educação e o desenvolvimento do povo filipino e lutar contra todas as formas de opressão e injustiça.

Como seria de esperar, estas movimentações não passaram despercebidas às autoridades espanholas. Rizal era já considerado uma ameaça e um inimigo do Estado, sendo a sua presença em Manila tomada como um estímulo intolerável ao desenvolvimento das ações dos nacionalistas. Estes eram catalogados de agitadores, subversivos, separatistas ou «flibusteiros» (*filibusteros*), designação pejorativa e de significado impreciso que invocava os aventureiros norte-americanos na América Central e o motim de Cavite de 1872. Apoiado pelos setores mais conservadores da sociedade filipina, pelas ordens religiosas e, de modo geral, pelos *peninsulares*, o regime recusava qualquer reforma

e intensificou a repressão. Rizal foi preso e, quatro dias depois da fundação da *Liga*, o governador Eulogio Despujol y Dusay decretou a sua deportação para Dapitan, na ilha de Mindanau.

Rizal viveu em exílio interno em Dapitan durante quatro anos. Fundou uma escola, escreveu e manteve correspondência com amigos e correligionários, mas estava politicamente neutralizado. Entretanto, o tempo das propostas de reforma política das Filipinas no contexto do império espanhol esgotou-se. Perante a desilusão causada pela intransigência e a repressão do regime, os setores nacionalistas que defendiam a luta pelo fim do regime colonial e pela independência das Filipinas passaram a ser dominantes. A prisão de Rizal apressou a formação de um movimento de insurreição contra o domínio espanhol conhecido como *Katipunan* («associação» em tagalo), forma abreviada de um título mais extenso que se pode traduzir por «Suprema e Honorável Associação dos Filhos da Nação». O seu líder era Andrés Bonifacio, cofundador da *Liga Filipina* e companheiro de Rizal. Em 1896, o *Katipunan* considerou que chegara o momento para preparar a insurreição. Rizal foi contactado e convidado a juntar-se ao movimento, mas recusou, afirmando que era ainda muito cedo para arriscar esse passo. Declinou igualmente a proposta para se evadir de Dapitan.

Em vez disso, Rizal havia pedido autorização para prestar serviço em Cuba como médico voluntário. O governador Ramón Blanco y Erenas não só lhe concedeu permissão como escreveu diversas cartas de recomendação, nas quais destacava o seu comportamento exemplar em Dapitan e manifestava a convicção de que nunca estivera envolvido em qualquer intentona. No início de agosto de 1896, Rizal deixou o exílio e seguiu para Manila e, daí, para Barcelona. Porém, os acontecimentos nas Filipinas precipitaram-se. A existência do *Katipunan* foi descoberta pelas autoridades e, a 24 de agosto, Andrés Bonifacio proclamou o início da luta armada contra o domínio colonial espanhol. Foi emitida uma ordem de detenção e de regresso imediato de Rizal

a Manila. Quando chegou a Barcelona, Rizal foi encarcerado na fortaleza de Montjuïc e posteriormente enviado de volta às Filipinas, onde chegou a 3 de novembro.

Enquanto aguardava julgamento, Rizal escreveu uma declaração, na qual se demarcou do *Katipunan* e condenou a insurreição em curso, reafirmando a sua convicção no primado da educação do povo, e não na revolta armada, como meio para alcançar a liberdade. O julgamento teve início a 26 de dezembro, em conselho militar. Foi acusado de rebelião, sedição e conspiração. De nada valeram os argumentos da sua defesa e as provas de que não estivera envolvido nas revoltas. A simples associação do seu nome à causa nacionalista bastava para a sua condenação. Na verdade, o poder em Manila era controlado pelos setores mais reacionários e antiliberais da sociedade, que conseguiram afastar o general Ramón Blanco do governo — acusado de ser demasiado brando para com os revoltosos filipinos — e substituí-lo pelo general Camilo García de Polavieja. A sentença de morte, confirmada pelo general Polavieja, foi proferida no dia 28.

O fuzilamento de Rizal ocorreu no dia 30, de manhã, em Bagumbayan, Manila. Durante a última noite ter-se-á reconciliado com a Igreja Católica e celebrado matrimónio com a sua companheira, Josephine Bracken, embora perdure alguma controvérsia acerca do assunto. É-lhe igualmente atribuída a autoria de um poema, chamado «O meu último adeus», que terá escrito pouco antes de morrer, que termina com a seguinte estrofe:

Adeus, pais e irmãos, pedaços da alma minha,  
 Amigos de infância do perdido lar,  
 Dai graças, que descanso do fatigoso dia;  
 Adeus, doce estrangeira, minha amiga, minha alegria,  
 Adeus, queridos seres, morrer é descansar.

A morte de Rizal suscitou indignação e protestos por parte de académicos, cientistas e intelectuais, tanto nas Filipinas como

em Espanha e noutras paragens, que deploraram o teor profundamente injusto da sentença. O seu desaparecimento não impediu o avanço da revolução, que se estendeu a várias ilhas no decurso dos meses seguintes. Um cessar-fogo foi assinado em finais de 1897, mas o deflagrar da guerra hispano-americana em abril do ano seguinte permitiu aos revoltosos, agora liderados por Emilio Aguinaldo, retomar as hostilidades e proclamar a Primeira República Filipina, a 12 de junho de 1898. Entretanto, Espanha foi derrotada pelos EUA e forçada a ceder as Filipinas pelo Tratado de Paris, em dezembro. Os norte-americanos, que anteriormente haviam apoiado o movimento nacionalista filipino, não aceitaram a independência do arquipélago e um novo conflito, desta vez entre filipinos e norte-americanos, arrastou-se até 1902. O país viveu sob administração e tutela dos EUA até à II Guerra Mundial, quando foi invadido e ocupado pelas forças japonesas. A plena independência das Filipinas só foi alcançada em 1946.

José Rizal foi elevado à categoria de mártir da revolução e, informalmente, de herói nacional. A sua biografia singular, o seu pensamento e projeto político, a quantidade de textos que produziu e a qualidade da sua obra permitem que tenham sido e continuem a ser objeto de inúmeros estudos, opiniões e análises. Vários aspetos e episódios da sua vida permanecem envoltos em discussão, controvérsia e debate. A sua figura e obra inspiraram obras artísticas e literárias, adaptações teatrais e cinematográficas e uma grande quantidade de registos, homenagens e legados. O dia 30 de dezembro, chamado de «Dia de Rizal», é feriado nacional nas Filipinas.

## Rizal e Portugal

As ligações de José Rizal a Portugal são, como esperado, ténues. O assunto nunca mereceu um estudo aprofundado, pelo que se expõem aqui apenas alguns dados e aspetos. Não consta

que Rizal tenha visitado o país no decurso das suas viagens pela Europa. O contacto mais próximo que teve com o que era, à época, território português foi uma passagem por Macau, quando se encontrava em Hong Kong a caminho do Japão. Foi uma breve visita, entre 18 e 20 de fevereiro de 1888, que menciona numa carta e descreve sucintamente no seu diário. Viajou de Hong Kong para Macau num pequeno barco, em companhia de D. José Sainz de Veranda, D. José de Maria Basa e alguns portugueses e ingleses. Rizal achou o porto de Macau pequeno, apinhado de juncos e com poucos navios. Ficou alojado em casa de Juan Francisco Lecaros (1834-1904), um filipino residente em Macau e casado com uma portuguesa. Visitou a igreja, o teatro, o casino, o jardim botânico e os templos chineses. Teve ainda ocasião de conhecer a chamada «Gruta de Camões» e de assistir a uma procissão pelas ruas da cidade.

Em Hong Kong, Rizal travou amizade com um português, um médico macaense chamado Lourenço Pereira Marques (1858-1911). Conhecem-se diversas cartas trocadas entre ambos que denotam uma amizade estreita e alguma familiaridade; numa delas, o português comunica a Rizal ter-lhe enviado três aves que havia caçado, acompanhadas de uma receita para fazer um caldo e de um conselho: «As asas poderão servir para ornato de chapéu.» A confiança que Rizal depositava em Pereira Marques é atestada pelo que lhe confiou pouco depois, quando deixou definitivamente Hong Kong rumo a Manila: uma carta, datada de 20 de junho de 1892, que deveria ser aberta apenas depois da sua morte e que é habitualmente designada como o seu «testamento político». Continuaram a trocar correspondência quando Rizal foi deportado para Dapitan, algumas semanas depois. Numa das cartas, Rizal agradece os livros de carpintaria que o amigo lhe enviara, embora os seus captores os tenham tomado por «livros revolucionários» e arrancado as páginas que continham as dedicatórias.

José Rizal era certamente conhecedor da língua e cultura portuguesas. A figura que lhe terá suscitado maior curiosidade

foi, provavelmente, a do homem que ainda hoje constitui o principal foco de interesse de Portugal por parte dos filipinos: Fernão de Magalhães. Os escritos e reflexões históricas de Rizal acerca da identidade filipina, nomeadamente as anotações à obra *Sucesos de las Islas Filipinas*, de António de Morga (1609), contêm frequentes observações sobre o navegador português e o impacto decisivo da sua viagem na História das Filipinas. Magalhães, como é sabido, morreu em 1521 num confronto na ilha de Macatán, ao tentar subjugar um chefe filipino — Lapu Lapu — que não aceitou submeter-se à autoridade do rei de Espanha. O episódio foi retratado pelo pintor filipino Juan Luna, que dedicou esta obra a Rizal. Numa carta que lhe dirigiu a 8 de novembro de 1890, o pintor revela ter chamado ao esboço *A Morte de Magalhães*, «por homenagem de admiração a este grande homem». Em boa verdade, comenta ironicamente Luna, a obra deveria chamar-se *A Vitória de Si Lapu Lapu e a Fuga dos Espanhóis*, mas isso seria o fim da sua carreira como pintor.

Apesar da distância que separa Portugal das Filipinas, a imprensa portuguesa dos finais do século XIX acompanhou com regularidade o desenrolar dos acontecimentos no arquipélago. A proximidade entre Portugal e Espanha propiciava, naturalmente, este interesse, embora as informações raramente fossem além de paráfrases de telegramas enviados de Madrid ou de Manila. As notícias sobre as Filipinas surgem invariavelmente agregadas às de Cuba, geralmente na mesma secção, devido à idêntica situação de turbulência e revolta que existia em ambas as colónias espanholas.

As referências na imprensa portuguesa à execução de Rizal, a 30 de dezembro de 1896, foram, de modo geral, muito breves. No dia 24, *O Século* vaticinava que «Rizal será em breve condenado à morte» e, a 27, escrevia que o Conselho de Guerra examinara o processo e reconheceu «ter o doutor organizado uma liga filipina de carácter exclusivamente maçónico para melhorar a situação dos indígenas sem combater o domínio espanhol», mas

conclui: «acredita-se que o médico será fuzilado». Já o *Diário de Notícias* publicava, a 28, o seguinte: «Rizal, chefe do movimento separatista das Filipinas, compareceu perante o Conselho de Guerra em Manila. O promotor pediu a aplicação da pena de morte. Todas as provas acusam o réu da suprema intervenção nas ocorrências sanguinolentas. Espera-se com ansiedade a sentença.» Nos dias seguintes, ecoam informações sobre a iminência da execução, que é confirmada a 31 em diversos jornais.

O maior interesse pelos acontecimentos nas Filipinas e simpatia pela figura de Rizal provieram de alguma imprensa republicana. Em Lisboa, *O Século* escreveu que, «em consequência de ter sido acusado de concorrer e preparar assassínios de espanhóis, foi hoje fuzilado às 7 horas da manhã, por soldados indígenas, o médico Rizal. Ao ouvir a sentença, exclamou: “Não é isso o prometido: fuzilem-me pelas costas.”» A notícia menciona igualmente a sua reconciliação com a Igreja, a sua confissão e celebração de casamento católico «com a mulher com quem vivia», e conclui: «O povo deu vivas a Espanha. Nos bairros de Tondo e Trozo não se deram os motins que eram esperados para se salvar a vida de Rizal.»

No Porto, o jornal republicano *A Voz Publica* foi mais longe nos comentários e apreciação do processo de Rizal. Na edição de 1 de janeiro de 1897, pode ler-se:

A terrível sentença ditada pelo Conselho de Guerra contra o Dr. Rizal foi cumprida. Muitos jornais não ocultam o seu desgosto, dizem de Manila, por tal notícia. Assegura-se que o estado a que chegaram as Filipinas se deve, em grande parte, aos frades, pois, apesar disso, a eles é devida a sentença de morte que acaba de ser aplicada ao Dr. Rizal.

Os jornais radicais combatem esta resolução porque, afirmam, o Dr. Rizal era apenas um autonomista e nada mais, pelo que Pi Margall, homem eminente, não só censura tal ato, como faz justiça ao Dr. Rizal. Aos frades, dizem os próprios jornais

afetos à causa de Espanha, não convinha um homem de tão lúcido talento, como o era, incontestavelmente, o Dr. Rizal, que no seu livro extraordinário ultimamente publicado, combateu com ciência e consciência as ordens monásticas daquele arquipélago.

Não correm favoráveis as coisas nas Filipinas, pois que a revolução tem-se alastrado demoradamente.

No dia seguinte, o mesmo jornal reportou que o governador Polavieja recusara o pedido de clemência feito pelas irmãs de Rizal e descreveu a execução com algum pormenor:

Logo que saiu da capela, [Rizal] meteu-se no quadrado que formavam os soldados, sem, sobre os olhos, lhe ser posta venda alguma, sendo fuzilado pela frente. A descarga que os soldados lhe fizeram feriu-lhe o peito. A cabeça ficou intacta, atendendo à petição feita pelo Dr. Rizal. O gentio, dizem ainda de Manila, depois do assassinato perpetrado, rompeu em calorosos vivas à Espanha e morras aos traidores.

E opinou, em conclusão: «Puniu-se um crime com outro crime maior. É daqui que nascem as represálias, cuja semente e raízes há de ser difícil às monarquias exterminar.»

Está por averiguar o impacto da vida e obra de José Rizal na cultura e no pensamento político em Portugal. É possível que os intelectuais do movimento republicano lhe tenham prestado alguma atenção. Um escritor e pensador do calibre de Rizal, defensor da liberdade e do progresso social do seu país e condenado à morte por uma monarquia arcaica e repressiva, era naturalmente suscetível de causar impressão e admiração. Um bom exemplo pode ser encontrado no jornal *O Mundo*, o principal periódico republicano dos primeiros anos do século xx, que era dirigido por António Vitorino da França Borges, um notável ativista da causa republicana e, como Rizal, membro da Maçonaria. O «Almanaque» deste jornal para 1910 contém um texto



(«O fuzilamento de Ferrer», pp. 113-115) dedicado ao nacionalista catalão Francesc Ferrer i Guàrdia, que sofrera um destino idêntico ao de Rizal, ou seja, foi acusado de ser o instigador dos motins ocorridos em Barcelona no verão de 1909, julgado e fuzilado pelas autoridades espanholas, a 13 de outubro de 1909. O *Mundo* traça um paralelo entre Ferrer i Guàrdia, Rizal e um outro personagem, o general cubano Antonio Maceo, que tombara na luta contra as tropas coloniais espanholas, em 1896. Segundo o jornal, estas mortes eram a demonstração cabal do declínio da monarquia espanhola:

Por causa desse despotismo bárbaro e estólido, a Espanha perdeu todo o seu império colonial. No dia em que Maceo morreu numa cilada, foi-se Cuba; no dia em que foi fuzilado o Dr. Rizal, foram-se as Filipinas. E de nada serve a experiência tremenda. Hoje, com a morte de Ferrer, simultaneamente falece o prestígio da Espanha [...].

Rizal também foi, muito provavelmente, uma referência do movimento anarquista português. O jornal *A Sementeira* (Lisboa, 1908-1919), a principal publicação anarquista em Portugal, revela alguma familiaridade em relação ao seu nome e informa ter para venda exemplares do *Noli me tangere* em língua portuguesa. Trata-se, ao que se sabe, da única tradução do romance em língua portuguesa, publicada em 1911 em volume pelo jornal anarquista brasileiro *A Lanterna*, de São Paulo, sob o título de *O País dos Frades*. É possível que o seu perfil como intelectual reformista, pedagogo, pacifista e defensor da liberdade tenha inspirado nomes de outros setores da intelectualidade portuguesa do século xx. Porém, conforme ficou mencionado acima, é uma questão que carece da devida atenção e de um trabalho aprofundado para ser analisada e comprovada.

*Paulo Jorge de Sousa Pinto*

## À MINHA PÁTRIA

Regista-se na história dos sofrimentos humanos um cancro de um carácter tão maligno que o menor contacto o irrita e desperta nele agudíssimas dores. Ora bem, quantas vezes no meio das civilizações modernas quis evocar-te, quer para me acompanhar das tuas lembranças, quer para te comparar com outros países. A tua querida imagem sempre apareceu diante de mim com um cancro social parecido.

Desejando a tua saúde, que é a nossa, e procurando o melhor tratamento, farei contigo o que os antigos faziam com os doentes: expunham-nos nas grades do templo, para que cada pessoa que viesse invocar a divindade lhes propusesse um remédio.

E, com este fim, tentei reproduzir fielmente o teu estado sem hesitar; levantarei parte do véu que cobre a maldade, sacrificando tudo pela verdade, até o amor-próprio, pois, como teu filho, também padeço dos teus defeitos e fraquezas.

*O Autor*  
Europa, 1886

os rios de Manila, o múltiplo papel de casa de banho, esgoto, lavadouro, local de pesca, meio de transporte e comunicação e até água potável, se o chinês aguadeiro considerar conveniente. É de referir que esta poderosa artéria do subúrbio, onde o trânsito fervilha e o vaivém atordoia, numa distância de quase um quilómetro, dispõe apenas de uma ponte de madeira, estragada por um lado durante seis meses e intransitável pelo outro durante o resto do ano, de tal forma que os cavalos aproveitam este permanente *statu quo* na época de calor para saltarem dali para a água, com grande surpresa do distraído mortal, que dentro da carruagem dormita ou filosofa sobre os progressos do século.

A casa a que nos referimos é um pouco baixa e de linhas não muito corretas: ninguém pode ter a certeza se o arquiteto que a construiu não via bem ou se isto foi uma consequência dos terramotos ou dos furacões. Uma larga escada de balaústres verdes atapetada em algumas partes conduz do saguão ou portal, revestido de azulejos, ao andar principal, entre canteiros e vasos de flores sobre pedestais de cerâmica chinesa de variegadas cores e fantásticos desenhos.

Como não há porteiros nem criados que peçam ou perguntem pelo convite, subiremos, oh, caro leitor, amigo ou inimigo, se é que se sente atraído pelos acordes da orquestra, pela luz ou pelo significativo *clin-clan* da baixela e dos talheres, e quer ver como são as reuniões ali, na Pérola do Oriente. Com todo o prazer e por comodidade minha, poupar-lhe-ia a si a descrição da casa, mas isto é muito importante, pois nós, os mortais, em geral, somos como as tartarugas: valem e classificam-nos pelas nossas carapaças; por estas e ainda outras qualidades como tartarugas são também classificados os mortais das Filipinas. Se subirmos, encontrar-nos-emos de repente numa espaçosa divisão, chamada ali «queda», não sei porquê, que esta noite faz de sala de jantar e de salão de orquestra ao mesmo tempo. No meio, uma comprida mesa, profusa e luxuosamente decorada, parece piscar o olho ao inútil com doces promessas e ameaçar

a jovem tímida, a simples *dalaga*<sup>3</sup>, com duas horas mortíferas na companhia de estranhos cuja linguagem e conversa costumam ter um carácter muito peculiar. Contrastando com estes preparativos terrenos, surgem os variegados quadros das paredes, representando temas religiosos como *O Purgatório*, *O Inferno*, *O Juízo Final*, *A Morte do Justo*, a *do Pecador*, e no fundo, aprisionada numa esplêndida e elegante moldura de estilo renascentista que Arévalo tinha talhado, uma curiosa tela de grandes dimensões na qual se veem duas velhas... A inscrição diz: «Nossa Senhora da Paz e da Boa Viagem, que se venera em Antipolo, tendo o aspeto de uma mendiga, visita na sua doença a piedosa e célebre capitã Inés.»<sup>4</sup> A composição, embora não revele muito gosto nem arte, tem por sua vez realismo suficiente: a doente parece já um cadáver em putrefação pelos tons amarelos e azuis do seu rosto; os copos e restantes objetos, esse cortejo das doenças prolongadas, estão reproduzidos tão minuciosamente que até se lhes vê o conteúdo. Ao contemplar estes quadros que abrem o apetite e inspiram ideias bucólicas, talvez alguém possa pensar que o maligno dono da casa conhecia muito bem o carácter da maior parte daqueles que se sentariam à mesa, e para dissimular um pouco o seu pensamento pendurou do teto belos candeeiros chineses, jaulas sem pássaros, esferas de vidro de mercúrio, vermelhas, verdes e azuis, plantas aéreas murchas, peixes secos e inchados, a que chamam *botetes*, etc., culminando tudo pelo lado que olha para o rio com caprichosos arcos de madeira, meio chineses meio europeus, e deixando ver numa açoteia parreiras e caramanchões escassamente iluminados por pequenos balões de papel de todas as cores.

Ali na sala estão os que têm de comer, entre colossais espelhos e brilhantes lustres: ali, sobre um estrado de pinho, repousa o magnífico piano de cauda de um preço exorbitante, e está ainda mais bonito esta noite, porque ninguém o toca. Ali há um grande retrato a óleo de um homem bonito, de fraque, hirtos, direito, simétrico como a bengala de borlas que tem entre os dedos

rígidos, cobertos de anéis. O retrato parece dizer: «Eh! Vejam só o que tenho vestido e quão sério estou!»

Os móveis são elegantes, talvez incómodos e insalubres: o dono da casa não pensaria na higiene dos seus convidados, mas sim no próprio luxo. «A disenteria é uma coisa terrível, mas estais sentados em cadeirões da Europa, nem sempre temos isso à nossa disposição!», dir-lhes-ia.

A sala está quase cheia de gente: os homens separados das mulheres como nas igrejas católicas e nas sinagogas. Elas são algumas jovens filipinas e espanholas: abrem a boca para conter um bocejo, mas tapam-na logo com os leques; murmuram apenas algumas palavras; qualquer conversa que se aventura morre entre monossílabos, como aqueles ruídos que ouvimos à noite em casa, ruídos causados por ratos e lagartixas. Será que são as imagens de diferentes Nossas Senhoras que pendem das paredes que as obrigam a ficar em silêncio e a manter a compostura religiosa, ou aqui as mulheres são uma exceção?

A única que recebia as senhoras era uma velha, prima do capitão Tiago, de feições bondosas e que falava bastante mal castelhano. Toda a sua política e urbanidade consistiam em oferecer às espanholas uma bandeja de cigarros e *buyos*<sup>5</sup>, e em estender a mão para as filipinas a beijarem, exatamente como os frades. A pobre idosa acabou por se aborrecer e, aproveitando o barulho de um prato a partir-se, saiu precipitadamente murmurando:

— Jesus! Esperem, indignos!

E não voltou a aparecer.

Quanto aos homens, estes, já faziam mais barulho. Alguns cadetes falavam animadamente, mas em voz baixa, num dos cantos, olhando de quando em quando e apontando por vezes com o dedo para várias pessoas da sala; e riam-se entre si mais ou menos dissimuladamente. Pelo contrário, dois estrangeiros, vestidos de branco, com as mãos cruzadas atrás das costas e sem dizer nada, passeavam-se de um extremo ao outro da sala com grandes passos, tal como fazem os passageiros aborrecidos sobre

o convés de um navio. Todo o interesse e a maior animação vinham de um grupo formado por dois religiosos, dois conterrâneos e um militar em redor de uma mesinha onde se viam garrafas de vinho e bolachas inglesas.

O militar era um velho tenente, alto, de fisionomia adusta; parecia um duque de Alba que ficou para trás na hierarquia da Guarda Civil. Falava pouco, mas, quando o fazia, era duro e breve. Um dos frades, um jovem dominicano, bonito, pulcro e brilhante como os seus óculos de armação de ouro, revelava uma austeridade precoce: era o padre de Binondo, e foi em anos anteriores catedrático em San Juan de Letrán. Tinha fama de consumado dialético, tanto que, naquele tempo, quando os filhos de Guzmán ainda se atreviam a lutar em subtilidades com os leigos, o hábil argumentador B. de Luna jamais pudera embrulhá-lo nem apanhá-lo: a atitude hermética de frei Sibyla deixava-o como o pescador que quer apanhar enguias com laços. O dominicano falava pouco e parecia pensar previamente nas suas palavras.

Pelo contrário, outro, que era um franciscano, falava muito e gesticulava mais. Apesar de os seus cabelos começarem a ficar grisalhos, parecia conservar bem a sua natureza robusta. As suas feições harmoniosas, o seu olhar pouco tranquilizador, as suas largas mandíbulas e hercúleas formas davam-lhe o aspeto de um patrício romano disfarçado e, sem querer, lembrar-se-ão de um daqueles três monges dos quais Heine fala no seu *Deuses no Exílio*, que no equinócio de setembro, pelo Tirol, passavam a meia-noite num barco num lago e depositavam sempre na mão do pobre barqueiro uma moeda de prata, fria como o gelo, que o deixava surpreendido. Contudo, frei Dámaso não era misterioso como aqueles; era alegre e, se o timbre da sua voz era brusco como o de um homem que jamais mordeu a língua, que julga santo e maravilhoso tudo o que diz, o seu riso alegre e franco apagava esta desagradável impressão, e uma pessoa até se sentia obrigada a perdoar-lhe o facto de mostrar na sala uns pés sem meias e umas pernas peludas, que fariam a fortuna de um Mendieta nas feiras de Quiapo<sup>6</sup>.

Um dos conterrâneos, um homem pequenino, de barba preta, só tinha de notável o nariz que, a julgar pelas suas dimensões, não devia ser seu. O outro, um jovem louro, parecia recém-chegado ao país: o franciscano mantinha com este uma acesa discussão.

— Vai ver — dizia o frade —, se ficar no país alguns meses, convencer-se-á daquilo que lhe digo: uma coisa é governar Madrid e outra é estar nas Filipinas.

— Mas...

— Eu, por exemplo — continuou frei Dámaso, levantando mais a voz para não dar a palavra ao outro —, eu, que já vou fazer vinte e três anos de banana e *morisqueta*<sup>7</sup>, tenho autoridade para falar sobre isso. Não me venha com teorias nem retóricas; conheço o índio. Pense que, desde que cheguei ao país, fui destinado a uma aldeia, pequena, é verdade, mas muito dedicada à agricultura. Ainda não sabia muito bem tagalo, mas já confessava as mulheres, e entendíamo-nos, e chegaram a gostar tanto de mim que, após três anos, quando me passaram para uma aldeia maior, com uma vaga devido à morte do padre índio, começaram todas a chorar, encheram-me de presentes, acompanharam-me com música...

— Mas isso só demonstra...

— Espere, espere! Não seja tão esperto! Aquele que me sucedeu permaneceu menos tempo e, quando saiu, teve mais companhia, mais lágrimas e mais música, e isso tendo em conta que batia mais e que tinha aumentado os direitos da paróquia em quase o dobro.

— Mas o senhor permitir-me-á...

— E há mais. Estive na aldeia de San Diego vinte anos e só há alguns meses é que... a deixei. — Aqui pareceu ficar melindrado. — Vinte anos, ninguém mo poderá negar, são mais do que suficientes para conhecer um povo. San Diego tinha seis mil almas, e eu conhecia cada habitante como se o tivesse parido e amamentado: sabia de que pé coxeava este, onde é que apertava o sapato àquele, quem fazia amor com aquela *dalaga*, que deslizes

tinha cometido esta e com quem, quem era o verdadeiro pai do rapaz, etc., pois confessava toda a gente. Eram muito cumpridores quando se tratava de não faltar ao seu dever. Que o diga, se estiver a mentir, o Santiago, o dono da casa; tem lá muitas terras e foi ali que construímos as nossas amizades. Ora bem, veja só o que é o índio; quando saí, só me acompanharam umas velhas e alguns Irmãos da Ordem Terceira, e isso tendo em conta que fiquei lá vinte anos!

— Mas não me parece que isso tenha que ver com a livre comercialização do tabaco! — respondeu o louro, aproveitando uma pausa, enquanto o franciscano tomava um copinho de xerez.

Frei Dámaso, muito surpreendido, quase deixou cair o copo. Ficou durante um momento a fitar o jovem:

— Como? Como? — exclamou depois com uma grande estranheza. — Mas será possível que o senhor não veja isto, que é tão claro como a luz? O senhor, filho de Deus, não vê que tudo isto é uma prova palpável de que as reformas dos ministros são irracionais?

Desta vez foi o louro que ficou perplexo; o tenente franziu mais o sobrolho; o homem pequenino movia a cabeça como que para dar razão a frei Dámaso ou para negar-lha. O dominicano contentou-se em praticamente virar as costas a todos.

— O senhor acha...? — conseguiu por fim perguntar o jovem, muito sério, e a olhar para o frade cheio de curiosidade.

— Se eu acho? Como no Evangelho! O índio é tão indolente!

— Ah! Peço desculpa por interrompê-lo — disse o jovem, baixando a voz e aproximando um pouco a sua cadeira —, pronunciou uma palavra que chama totalmente a minha atenção: existe verdadeiramente, de forma natural, essa indolência nos nativos, ou acontece, de acordo com um viajante estrangeiro, que desculpamos com esta indolência a nossa própria, o nosso atraso e o nosso sistema colonial? Estava a falar de outras colónias cujos habitantes são da mesma raça...



— Bufff! Invejas! Pergunte ao senhor Laruja, que também conhece o país. Pergunte-lhe se a ignorância e a indolência do índio têm comparação possível!

— Efetivamente — respondeu o homem pequenino, que era o aludido —, em nenhuma parte do mundo o senhor pode ver alguém mais indolente do que o índio, em nenhuma parte do mundo!

— Nem alguém mais cruel, nem mais ingrato!

— Nem mais mal-educado!

O jovem louro começou a olhar para todo o lado com inquietação.

— Meus senhores — disse em voz baixa —, parece-me que estamos na casa de um índio, essas damas casadouras...

— Bah! Não seja tão apreensivo! O Santiago não é considerado índio e, além disso, não está presente e... mesmo que estivesse! Esses são disparates dos recém-chegados. Deixe passar alguns meses; mudará de opinião assim que tiver frequentado muitas festas e *bailujan*<sup>8</sup>, dormido nos catres e comido muita *tinola*.

— Será que o senhor chama *tinola* a uma fruta da espécie do lótus que torna os homens... assim... como que esquecidos?

— Qual lótus, qual quê?! — respondeu o padre Dámaso rindo-se. — O senhor está a trocar tudo. A *tinola* é um *gulai*<sup>9</sup> de galinha e abóbora. Há quanto tempo chegou?

— Há quatro dias — respondeu o jovem, um pouco picado.

— Vem como empregado?

— Não, senhor, venho por conta própria para conhecer o país.

— Bom, que ave rara! — exclamou frei Dámaso, observando-o com curiosidade. — Vir por conta própria e por disparates! Que fenómeno! Tendo tantos livros... bastava ter dois dedos de testa... muitos escreveram assim grandes livros! Basta ter dois dedos de testa...

— Dizia, padre Dámaso — interveio bruscamente o dominicano, interrompendo a conversa —, que Vossa Reverência

esteve vinte anos na aldeia de San Diego e que se foi embora... Vossa Reverência não estava contente com a aldeia?

Perante esta pergunta, feita com um tom tão natural e quase negligente, o padre Dámaso perdeu de repente a alegria e deixou de rir.

— Não! — resmungou secamente e deixou-se cair com violência contra as costas do cadeirão.

O dominicano continuou num tom ainda mais indiferente:

— Deve ser doloroso deixar uma aldeia onde se esteve vinte anos e que se conhece como o hábito que se leva. Eu, pelo menos, tive pena de deixar Camiling, e isso tendo em conta que fiquei poucos meses... mas os superiores faziam-no para o bem da Comunidade... que era também o meu próprio bem.

Pela primeira vez naquela noite frei Dámaso parecia muito preocupado. De repente, deu um murro no braço do cadeirão e, respirando com força, exclamou:

— Ou há religião ou não há, ou seja, ou os padres são livres ou não são! Se o país se perder, está perdido!

E voltou a dar outro murro.

Toda a sala, surpreendida, se virou para o grupo: o dominicano levantou a cabeça para observá-la por debaixo dos óculos. Os dois estrangeiros que passeavam pararam durante um momento, fitaram-se, mostraram um pouco os seus dentes incisivos e de seguida continuaram o passeio.

— Está de mau humor porque o senhor o tratou por Reverência! — murmurou o senhor Laruja ao ouvido do jovem louro.

— O que é que a Vossa Reverência quer dizer? O que é que tem? — perguntaram o dominicano e o tenente em diferentes tons de voz.

— É por isso que acontecem tantas calamidades! Os governantes defendem os hereges contra os ministros de Deus! — continuou a explicar o franciscano, erguendo os seus punhos robustos.

— O que é que o senhor quer dizer? — voltou a perguntar o carrancudo tenente quase a levantar-se.

— O que é que quero dizer? — repetiu frei Dámaso levantando a voz e confrontando o tenente. — Eu digo o que eu quero dizer! Eu, eu quero dizer que, quando o padre lança do seu cemitério o cadáver de um herege, ninguém, nem mesmo o rei, tem direito de se misturar e muito menos de impor castigos. Com que então um generalzeco, um generalzeco Calamidade<sup>10</sup>...

— Padre, Vossa Excelência é Vice-Real Patrono! — gritou o militar, levantando-se.

— Qual Excelência qual Vice-Real Patrono?! — respondeu o franciscano, levantando-se também. — Noutro tempo, teria sido arrastado escadas abaixo, como fizeram uma vez as Corporações com o ímpio governador Bustamante. Aqueles é que eram tempos de fé!

— Aviso-o já de que não permito... Vossa Excelência representa Sua Majestade o Rei!

— Qual rei qual quê?! Para nós não há outro rei senão o legítimo...

— Alto! — vociferou o tenente em tom de ameaça como se se dirigisse aos seus soldados. — Ou o senhor retira o que disse ou amanhã mesmo vou informar Sua Excelência de tudo isso...

— Pode ir agora mesmo, vá, estou à espera! — respondeu frei Dámaso com sarcasmo, aproximando-se dele com os punhos cerrados. — O senhor acha que lá porque levo hábito me faltam...? Vá, despache-se, se quiser empresto-lhe a minha carruagem!

A questão adquiria um tom cómico, mas felizmente o dominicano interveio.

— Meus senhores! — disse com um tom autoritário e com aquela voz nasal que fica tão bem aos frades. — Não devemos confundir as coisas nem procurar ofensas onde não existem. Devemos distinguir nas palavras de frei Dámaso as do homem das do sacerdote. As deste, como tal, *per se*, jamais podem ofender, pois provêm da verdade absoluta. Nas do homem deve fazer-se uma subdistinção: as que diz *ad irato*, as que diz *ex ore*, mas

não *in corde* e as que diz *in corde*. Estas últimas são as que unicamente podem ofender, e isso depende: se já existiam *in mente* por um motivo ou se chegam apenas *per accidens* no calor da conversa, se houver...

— Pois eu *per accidens* e *por mim* conheço os motivos, padre Sibyla! — interrompeu o militar que se via envolvido em tantos juízos de valor e receava ser o culpado se estes continuassem. — Eu conheço os motivos e Vossa Reverência vai distingui-los. Durante a ausência do padre Dámaso em San Diego, o coadjutor enterrou o cadáver de uma pessoa digníssima... sim, senhor, digníssima, eu tratei-a várias vezes e fiquei hospedado em sua casa. Nunca se confessou, está bem, e então? Eu também não me confesso; mas dizer que se suicidou é uma mentira, uma calúnia. Um homem como ele, que tem um filho em quem deposita o seu carinho e a sua esperança, um homem que tem fé em Deus, que conhece os seus deveres para com a sociedade, um homem honrado e justo, não se suicida. Sou eu que lhe digo isto e guardo para mim todos os meus restantes pensamentos e Vossa Reverência já mo pode agradecer.

E, virando-lhe as costas, o franciscano continuou:

— Pois bem, este padre, no seu regresso à aldeia, depois de maltratar o coitado do coadjutor, mandou desenterrar o cadáver e tirá-lo do cemitério, para enterrá-lo não sei onde. A aldeia de San Diego teve a cobardia de não protestar, para dizer a verdade muito poucos o souberam. O morto não tinha qualquer familiar, e o seu único filho está na Europa; mas Vossa Excelência soube disso e, como é homem de coração decente, pediu o castigo... e o padre Dámaso foi transferido para outra aldeia melhor. Aqui está tudo. Agora Vossa Reverência pode fazer os seus juízos de valor.

E, dito isto, afastou-se do grupo.

— Lamento muito ter tocado, sem sabê-lo, numa questão tão delicada — disse o padre Sibyla pesaroso. — Mas, no fim, ganhou-se muito com a alteração na aldeia...

— O que é que se ganhou?! E o que se perde nas transferências... e na papelada... e nas... e em tudo o que se extravia? — interrompeu frei Dámaso a balbuciar, sem conseguir conter a ira.

Pouco a pouco, o encontro voltou à sua antiga tranquilidade.

Tinham chegado outras pessoas, entre elas um velho espanhol, coxo, de fisionomia doce e inofensiva, apoiado no braço de uma velha filipina, cheia de caracóis e de maquilhagem e vestida como uma europeia.

O grupo cumprimentou-os amigavelmente. O Dr. de Espadña e a sua mulher, *a doutora* D. Victorina, sentaram-se entre os nossos conhecidos. Era possível ver alguns jornalistas e armazenistas a cumprimentarem-se, a andarem de um lado para o outro sem saberem o que fazer.

— Mas será que me pode dizer, senhor Laruja, como é o dono da casa? — perguntou o jovem louro. — Ainda não fui apresentado.

— Dizem que saiu: eu também não o vi.

— Aqui não há necessidade de apresentações! — interveio frei Dámaso. — O Santiago é uma pessoa bem formada.

— Uma pessoa que não inventou a pólvora — acrescentou Laruja.

— Realmente, senhor Laruja... — disse D. Victorina com um tom meloso de censura, abanando-se.

— Como é que o coitado podia inventar a pólvora se, pelo que dizem, os chineses já a tinham inventado séculos antes?

— Os chineses? A senhora está louca? — exclamou frei Dámaso. — Que disparate! Foi inventada por um franciscano, um da minha ordem, frei não-sei-quê Savalls<sup>11</sup> no século... VII!

— Um franciscano?! Bem, esse tal padre Savalls deve ter sido missionário na China — replicou a senhora, que não abandonava as suas ideias.

— A senhora deve estar a falar do Schwartz — respondeu frei Sibyla sem a fitar.

— Não sei; o frei Dámaso disse Savalls. Eu limito-me a repetir as palavras dele!

«O povo não se queixa porque não tem voz,  
não se mexe porque caiu na letargia, e o senhor  
diz que não sofre porque não viu como lhe  
sangra o coração.»

Considerado uma das primeiras manifestações artísticas da resistência asiática ao colonialismo europeu, *Noli me Tangere*, o romance revolucionário fundador da identidade filipina, conta-nos a história de amor apaixonante entre Crisóstomo Ibarra, um jovem estudante acabado de regressar da metrópole, filho de um comerciante assassinado por razões políticas, e María Clara, filha de um amigo de família, cujo destino será interrompido por um terrível segredo.

Frequentemente apontado como o grande catalisador da insurreição popular filipina contra o seu ocupante ibérico, o polímato e ativista José Rizal denuncia com minúcia e realismo a corrupção e os abusos de poder do governo espanhol e da Igreja católica na sociedade colonial filipina do século XIX, através de um enredo intemporal que inspirou um povo a clamar por liberdade.

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

Tradução de Àlex Tarradellas e Rita Custódio  
Introdução de Paulo Pinto e Isabel Branco



Pássaros, 1979  
(óleo sobre tela)  
Vicente S. Manansala  
(1910-1981)

© World History  
Archive / Alamy Stock  
Photo / Fotobanco.pt



penguinlivros.pt



penguinlivros



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

ISBN 9789897847905



9 789897 847905 >